

**Índices linguísticos e para-linguísticos
da gestão da emoção e da projeção de
ethos no discurso de Marina Silva, no
programa *Jô 11/2***

*[Linguistic and paralinguistic marks of the
emotion management and ethos-building
in Ms. Marina Silva's discourse, in the
talk show Jô 11/2]*

CLÁUDIO HUMBERTO LESSA

Prof. Dr. do Centro Federal de Educação Tecnológica – CEFET, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

[c-hlessa@ig.com.br.]

RESUMO

Estudos têm mostrado como a mídia transformou profundamente a eloquência política: cf. Rubim (2004) e Courtine (2006). Passou-se a adotar uma retórica marcada por um estilo dialogado e familiar; valorizam-se mais as imagens e a vida privada dos políticos que suas ideias. Neste artigo, apresento o resultado de uma análise de uma entrevista concedida pela ex-ministra Marina Silva ao apresentador Jô Soares em seu *talk show*. Observo como a entrevistada busca, por meio de recursos verbais e para-verbais, exercer um controle de suas emoções, fundamentando-se mais em argumentos baseados no *logos*. Para analisar a diversidade plurissemiótica desse discurso, opero com os conceitos de modalização e modulação abordados por Vion (1992; 2003). Entendo o discurso como uma atividade dialógica de produção textual, determinada por fatores históricos e culturais, sempre relacionada a uma situação de comunicação na qual os sujeitos comunicantes exercem papéis sociais, manifestam posicionamentos, assumem uma atitude *ativa e responsiva* no processo comunicativo: respondem a enunciados anteriores (interdiscursos) e projetam sua comunicação prevendo destinatários potenciais.

Palavras-chave

Ethos, Política, Mídia, Emoções, Modalização.

RÉSUMÉ

De nombreuses études montrent comment les médias ont transformé l'éloquence politique, par exemple, Rubim (2004) et Courtine (2006). Le homme politicus a adopté une rhétorique marquée par un style dialogué et familial aussi. Aujourd'hui, dans les campagnes électorales, on valorise plus l'image et la vie privée des politiciens que leurs idées. Dans cet article, j'analyse l'extrait d'une interview donnée par la ex-première ministre Marina Silva dans le talk show Jô 11/2. J'observe les indices verbaux et para-verbaux dans le discours de Mme Silva qui puissent indiquer comment elle cherche à contrôler ses émotions et à projeter son ethos en se basant sur une argumentation fondée sur le logos. Pour analyser la diversité pluri-sémiotique de ce discours, j'ai utilisé les concepts de modalisation et modulation selon Vion (1992; 2003). Je comprend le discours en tant qu'activité dialogique de production textuelle. Cette activité est déterminée par de facteurs historiques, culturels, elle est produite aussi dans une situation de communication dans laquelle les sujets jouent de rôles sociaux, signalisent de positionnements, exercent une attitude active et responsive dans le processus communicatif: ils répondent à des énoncés antérieurs (les divers interdiscours) et ils projettent ses allocutions en prévoyant des destinataires potentiels.

Mots-clés:

Ethos; Politique; Média; Émotions; Modalisation.

Introdução

Neste artigo, reflito sobre a natureza dos sinais verbais e não verbais passíveis de transmitir ou despertar as emoções no processo de interação. A partir de estudos contemporâneos sobre o fenômeno, no âmbito dos Estudos da Linguagem, da Sociologia e da Filosofia, considero que a expressão dos afetos é determinada e mediada pelas crenças e normas sociais; além disso, para que possamos entender a maneira como os sujeitos vivem e expressam emoções, é preciso considerar as situações específicas de comunicação nas quais se dão as interações: as expectativas das trocas, as possíveis tematizações, os papéis sociais dos parceiros, suas intenções comunicativas e argumentativas; o quadro físico no qual ocorre o processo.

Este trabalho resulta de um seminário apresentado na disciplina *Emoções e Discurso*¹ no qual o grupo de trabalho formado por mim e outros pesquisadores² analisou a gestão das emoções em diversas situações de comunicação midiáticas: o *talk show*; o *reality show* (*Big Brother Brasil*) e o programa *Ratinho*. Optamos por apresentar um referencial teórico único, no qual escolhemos priorizar, principalmente, as reflexões de Robert Vion (1992; 2003) e Cosnier (2003) sobre a pluralidade de meios semióticos que podem expressar e suscitar emoções em interações concretas.

Nosso objetivo foi verificar de que maneira os conceitos apresentados por esses autores podem nos ajudar a entender a gestão das emoções nos gêneros midiáticos citados. Na entrevista de Jô Soares com Mariana Silva, acessada no *Youtube*, tentarei mostrar como a tematização, o papel social de ex-ministra que acaba de deixar o ministério do meio ambiente do governo Lula, sua candidatura à presidência da república pelo Partido Verde fazem surgir um quadro interacional no qual serão mobilizados saberes e crenças pertencentes à ordem do político e do ético. Esses elementos situacionais também determinam um discurso e uma argumentação fundamentada mais na ordem da razão que na ordem da expressão espontânea da emoção; na qual a ministra busca projetar (consciente ou inconscientemente) uma imagem de si associada à mulher política, militante, ponderada, que soube e sabe escolher e agir de maneira reflexiva, ética e em prol dos interesses maiores do meio ambiente e da nação.

1 A disciplina Seminário Tópico Variável em Análise do Discurso: Emoções e Discurso foi ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais, pela Profa. Dra. Helcira Lima, a quem muito agradecemos pela oportunidade de participação e pelas inúmeras questões que ela suscitou quanto ao estudo e à abordagem da questão.

2 O grupo de trabalho foi constituído por mim e pelos pesquisadores: Ester Junia da Silva; a Prof. Liliana Cristina Santos; a Prof. Mestra Alcione Aparecida Roque Reis e o doutorando, Prof. Woodson Fiorini.

1 Breves considerações sobre o conceito de emoções

Segundo o dicionário Larousse (1992):

Emoção s.f. (fr. *émotion*) 1. Ato ou efeito de mover moralmente. 2. Abalo moral; comoção. 3. Reação transitória, de grande intensidade, em geral produzida por uma situação ou estímulo do meio ambiente. 4. Alteração súbita ou agitação passageira, causada por um sentimento de medo, de surpresa, etc.

No Le Robert Micro, temos:

émotion [...] État affectif intense, caractérisé par des troubles divers (pâleur, accélération du pouls, tremblements, etc.).

A ideia de emoção associada à expressão de estados físicos, a perturbações, a agitações da alma, a humores, à parte animal do ser humano sempre preponderou no senso comum; restringe-se, como lembra Plantin (2003), a fenômenos motores, semiautomáticos, neurovegetativos (secreções, palpitação, secura da boca) e psíquicos.

Essa visão de emoção ligada a perturbações da alma remonta à Grécia Antiga, aos filósofos estoicos, a Platão, a Sócrates e a Aristóteles. Estes erigiram como ideal de homem (de cidadão perfeito), aquele que seria capaz de controlar suas paixões. A virtude foi definida como a capacidade de se manter instável, de não se deixar influenciar pelas contingências, pelas vicissitudes do destino, das situações. O bom juiz ou o homem virtuoso deveriam agir, deliberar segundo a razão, o *logos*. As suas escolhas deveriam ser orientadas pela capacidade de escolher racionalmente os meios mais adequados para se atingir os fins.

Uma definição negativa de emoção foi também afirmada no fazer científico. Como afirma Nussbaum (1995), os filósofos, tais como Platão, Kant ou Descartes consideram que os julgamentos fundados nas emoções seriam falsos. No âmbito dos estudos da linguagem, a marginalização das emoções, do que é contingente, acidental, também preponderou por muito tempo.

Ferdinand de Saussure, em 1916³, ao propor os fundamentos da Linguística, elege, como único objeto de estudo, o sistema da língua: uma construção teórica, abstrata, que seria inferida, abstraída, a partir da observação das oposições e combinações entre os elementos linguísticos (fonemas e morfemas). O sistema, nessa abordagem, é considerado um código de sinais que sinalizaria recorrências quanto aos modos de combinação e

³ Segundo o prefácio à edição brasileira escrito por Isaac Nicolau Salum, publicado em 2004, a primeira edição francesa do *Cours de Linguistique Générale*, foi publicada em 1916.

de oposição dos diversos elementos linguísticos, sempre de maneira homogênea e autônoma, alheia aos contextos de uso da linguagem.

A fala, as interações concretas e cotidianas, o tom, o timbre, os diversos arranjos sintáticos que poderiam indicar a emoção dos falantes não são levados em conta na abordagem saussuriana. O estudo dos elementos linguísticos que poderiam indicar a emoção sempre foram considerados excrescências, fatos de estilo, de expressão individual. Contudo, estudos contemporâneos no campo da linguagem, da argumentação, da sociologia e de outros campos têm proposto um deslocamento na definição do fenômeno das emoções e da sua importância nas interações verbais.

Os estudos de Elster (1995), Paperman (1995), Nussbaum (1995), Charaudeau (2010) e Plantin (2003)⁴, cada um à sua maneira, contribuem para superar a visão restritiva e negativa de emoções no comportamento e nas interações humanas. Esses autores permitem-nos observar que as emoções i) fazem parte do conjunto de conhecimentos e competências comunicativas partilhados pelos sujeitos; ii) sua interpretação e expressão é regulada e mediada pelas normas sociais, pelas situações de comunicação, pelas crenças e representações de mundo de uma cultura. Assim sendo, é possível postular uma dimensão racional, cognitiva e normativa para o fenômeno das emoções.

Além de uma memória de signos, de maneiras e rituais de se expressar, os membros de uma coletividade partilham uma memória constituída de estados emocionais e de situações que, via de regra, tendem a suscitá-los. É o que postula Elster (1995), para quem há um acordo na sociedade quanto à maneira de sentir, de expressar emoções, conforme convenções e expectativas normativas. Para Paperman (1995), os sujeitos são dotados de um conhecimento partilhado de eventos e de temas dramáticos.

Assim, a presença ou ausência de determinada emoção em uma situação é avaliada em uma cultura, de acordo com seu sistema de crenças, como pertinente ou não; aquele que não expressar emoções conformes a um evento poderá sofrer uma sansão, poderá ser acusado de defeito moral. As emoções seriam, assim, formas sociais esperadas, codificadas nos rituais interacionais de uma sociedade, o que lhes confere função social e importância moral. Na China, por exemplo, faz parte do sistema de crenças do povo, de sua cultura, viver o luto vestindo-se de branco, e os rituais incluem o uso de instrumentos musicais.

Contudo, Paperman (1995) salienta que, nem sempre, a ausência de demonstração de emoção pode ser considerada uma falha moral; não chorar

4 Salientamos que Jon Elster é professor de Ciências Sociais e Políticas na Universidade de Chicago; Patricia Paperman é mestre em conferências na Universidade de Paris III; Martha Nussbaum é professora de Filosofia na Brown University; Patrick Charaudeau e Christian Plantin pertencem ao campo dos Estudos da Linguagem.

a morte de um ente querido pode se dever a questões psicológicas. Além disso, tanto Paperman (1995) quanto Plantin (2003) lembram que não podemos relacionar de maneira causal a manifestação de uma emoção a uma situação. Portanto, é preciso considerar as especificidades concretas da situação de comunicação para se analisar o fenômeno da expressão dos sentimentos, saber o que causou a emoção, quais são os papéis sociais dos sujeitos, os saberes e crenças partilhados entre eles, os seus objetivos comunicativos e retóricos.

Nessa nova abordagem, é importante observar que os sujeitos possuem, então, uma competência emocional, que os torna capazes de encenar, inferir, interpretar estados emocionais (consciente ou inconscientemente). Como argumenta Plantin (2003), as emoções constituem saberes comuns, culturais, ligados a situações interacionais, e todos somos semiólogos, possuímos a habilidade de gerir nossas paixões, de exprimir e de interpretar um conjunto de signos passíveis de transmitir ou despertar emoções.

2 Da natureza dos signos linguísticos e paralinguísticos sinalizadores das emoções

É possível ao linguista ou ao estudioso do discurso, analisar, então, de que maneira os sujeitos, em determinada situação de interação, expressam signos passíveis de despertar/transmitir emoções; é possível, também, pensar em um conjunto de situações prototípicas⁵ nas quais determinadas emoções podem ocorrer, observar o que as causa, quem as sofre ou as desperta, como, quando e onde aparecem, as normas ligadas aos rituais de expressão emocional.

Já Aristóteles, em seu livro *Retórica*, caracteriza um conjunto de emoções (paixões) que seriam passíveis de sensibilizar o auditório e colocá-lo em uma disposição favorável ao orador e à sua tese. Além disso, para o filósofo, o orador deveria dar prova de sua credibilidade, da honestidade do seu caráter, projetando uma imagem favorável de si, um *ethos*. Essa imagem resultaria do seu discurso e não de sua reputação ou de sua história de vida na comunidade. Assim sendo, na definição aristotélica, a persuasão e o convencimento derivam de três tipos de provas relativas: i) ao *logos*, ao discurso em si, ao encadeamento dos argumentos e raciocínios (silogismos); ii) ao *ethos*, à imagem do falante, ao seu caráter, construída no e pelo discurso e iii) ao *pathos*, ao conjunto de meios utilizados pelo orador para despertar as emoções no auditório.

⁵ Conferir também Plantin (2003) a respeito da possibilidade de se pensar em uma tópica das emoções.

Além de Plantin (2003), Vion (2003) e Cosnier (2003) são autores que têm pensado a natureza dos signos passíveis de transmitir/expressar emoções em interações reais. Para esses dois autores, Cosnier sobretudo, não somente o material verbal, mas também os signos vocais e os mimogestuais (enfim, o corpo) sinalizam estados emocionais e devem ser levados em conta na interação.

Para Vion (2003), os parceiros buscam realizar uma gestão interativa da subjetividade, podem sinalizar ora engajamento, ora distanciamento em relação ao que dizem, trata-se de um processo de *sincronização de estados afetivos*. Um diálogo ou um texto podem oscilar entre *tensão* ou *modulação*: a primeira sinaliza um alto grau de autoimplicação do sujeito diante dos enunciados, há pouco controle das emoções, realizam-se escolhas lexicais marcadas pela subjetividade, afetividade; a troca caracteriza-se, assim, por uma não sincronização interacional. Exemplos desse processo podem ser observados nas interações em *reality shows* (*Big Brother*) e nos discursos polêmicos em geral.

Já a *modulação* aponta para um controle maior da subjetividade, da emoção, resulta em uma gestão coordenada dos afetos. Seriam marcas desse processo de distanciamento: o uso de atenuadores, de eufemismos, de um vocabulário prudente, de uso da fala de outrem para diminuir o grau de auto-implicação. Esse conceito, diz Vion (2003), busca dar conta da distância que o locutor instaura em relação ao seu discurso (de suas proposições ou de proposições relatadas).

Cosnier (2003), por seu turno, chama a atenção para o fato de que os parceiros do ato comunicativo realizam inferências uns dos outros, buscam construir uma representação geral do seu parceiro a fim de realizar com sucesso a troca, fenômeno chamado pelo autor de *empatia*. Essas inferências ocorrem em duas vias: a primeira refere-se ao sistema e aos mecanismos cognitivos da troca comunicativa em si: abrange os sinais diversos – verbais, vocais e mimogestuais; a segunda chama-se *partilha*, pela qual os parceiros buscam aceder ao estado afetivo uns dos outros, constitui um mecanismo menos racionalizável e mais corporalizável.

Cada enunciatador vai, assim, fornecer um *modelo efetuator* que será interpretado pelo co-enunciatador. Essa identificação pode ser manifesta, Cosnier a chama de *ecoização*, abrange sorrisos simultâneos, analogias mímicas, mudanças em espelho de posição corporal, modificações convergentes da melodia frasal; às vezes, a identificação permanece discreta, subliminar. Tal identificação ao *modelo efetuator* propicia a indução no parceiro de um estado afetivo semelhante ao do interlocutor.

Esse autor salienta que, além da atividade motora fonadora, produtora de signos verbais e a produção de signos gestuais, a atividade corporal exerce

um papel facilitador importante para a produção de enunciados; o corpo fornece, assim, localizações e suportes para as representações discursivas, trata-se da *lei do referente presente ou simbolizável*, “[...] a evocação discursiva de um objeto presente ou simbolicamente representável é acompanhada de uma designação motora [...] apontamento com os dedos ou olhar na direção do objeto ou de seu representante.” (COSNIER, 2003, p. 63).

Essas reflexões teóricas oferecem instrumentos para analisar a presença e a função das emoções nas diversas situações comunicativas e institucionais a partir da consideração tanto do material linguístico quanto paralinguístico. Para a análise desses signos, índices de emoção na entrevista de Marina Silva no programa *Jô 11/2*, considerarei, além dos conceitos de *modulação* e *tensão*, outros elementos linguísticos e procedimentos discursivos apresentados por Vion (2003), especificamente: o uso dos modalizadores; da *mise en scène* e da instabilidade enunciativa.⁶

A modalização⁷ refere-se a um comentário avaliativo do sujeito sobre o seu enunciado. Ela pode se manifestar:

- I) na avaliação quanto ao grau de verdade, de certeza ou de necessidade atribuído pelo falante ao conteúdo de seu enunciado; trata-se das modalidades lógicas, manifestam-se em estruturas do tipo: *é necessário que... é preciso que...* (inscrevem o enunciado na ordem do dever, do deontico); *é certo, é provável, é possível que...; eu creio que... tenho certeza de que...; penso que...certamente...*; (são chamadas de epistêmicas.);
- II) As unidades lexicais, lembra Vion (1992), são dotadas de um “peso cultural”, revelam um grau mais ou menos forte de adesão, auto-implicação ou distanciamento dos sujeitos. Assim, integra o fenômeno da modalização o uso de adjetivos, substantivos ou advérbios, com carga afetiva ou axiológica. É preciso salientar que todo termo ou estrutura da língua pode adquirir um valor afetivo/axiológico, dependendo do contexto em que é empregado. E, como diz Vion (1992), cada uma das escolhas lexicais será portadora de um grau mais ou menos forte de adesão, poderá contribuir para maior tensão, para uma dessincronização interativa, o que resultará em uma interação competitiva; ou para uma gestão mais controlada dos afetos, levando, assim, a uma interação com dominante cooperativa.

⁶ No seu trabalho, o autor reflete também sobre o fenômeno da *descontinuidade discursiva* e de *atividades de reenquadramento*.

⁷ Vion (2003), para falar de modalização, retoma, em seu estudo, as distinções de Charles Bally: *modus* e *dictum*, faz referência à abordagem da lógica modal e a Cervoni.

Vion (2003) inclui a relação do enunciador com os outros discursos que ele mobiliza em seu dizer nos fenômenos da modalização e modulação. Esse autor retoma o conceito de polifonia, de Bakhtin⁸. Chama atenção para o fato de que o sujeito procede a uma encenação (*mise en scène*) discursiva na qual introduz outros enunciadores, outras vozes, em seu dizer.

Os sujeitos, salienta Vion (2003), não necessariamente conscientes, valem-se de estratégias para dar a impressão de que não são os únicos responsáveis pelo seu dito, para produzir atos simultâneos, duplos sentidos, para falar com ou contra os enunciadores, para dar a impressão de apagamento, a fim de imprimir ao dizer um tom objetivo, de distanciamento, modulando, portanto, o dizer. Resulta dessa encenação uma instabilidade enunciativa, que indica modificações de posicionamento do sujeito relativamente a essa pluralidade de pontos de vista. Esse processo deixa marcas que sinalizam o dinamismo discursivo e a gestão dos afetos.

Vejam, na sequência, de que maneira se dá a gestão dos afetos na entrevista da candidata à presidência da república e ex-ministra do meio ambiente, Marina Silva, no programa *Jô 11/2*. Observemos de que maneira os recursos linguísticos e para-linguísticos estão a serviço dos processos de modalização, modulação e da projeção do *ethos* discursivo.

3 Modalização, modulação e projeção de *ethos* discursivo na entrevista de Marina Silva

Para analisar a gestão das emoções no discurso de Marina Silva, considerarei três níveis de análise: o situacional, o discursivo e o linguístico e para-linguístico. Sigo as orientações metodológicas de Patrick Charaudeau (1995), para quem o ato de linguagem resulta de um inter-relacionamento entre dimensões *externas* (as dimensões situacionais, psicossociais, os rituais comunicativos que impõem aos sujeitos *contratos de comunicação*, os papéis sociais, as finalidades da troca e intenções comunicativas, objetivos argumentativos, o meio físico no qual ocorre a interação) e *internas* (o dizer em si, a organização do discurso, as sequências discursivas narrativas, descritivas e argumentativas, bem como os índices linguísticos e para-linguísticos, os torneios frasais, o léxico empregado a serviço do engajamento ou distanciamento).

⁸ Lembremos que Bakhtin introduz esse conceito no bojo de seu estudo sobre o romance. A polifonia, nesse contexto, refere-se ao fenômeno pelo qual o autor deixa existir, na narrativa, diversas vozes com seus respectivos pontos de vista e consciências em pé de absoluta igualdade; Bakhtin (1988) mostra, então, que o romance estrutura-se pela recriação artística das diversas linguagens sociais, dos diversos pontos de vista que se polemizam em uma dada formação social.

O *talk show* constitui um dos gêneros da mídia. Lembremos que, segundo Charaudeau (1994), o *contrato de comunicação* midiático funda-se em uma empresa tanto cidadã quanto comercial: objetiva informar, esclarecer a opinião pública, e também persuadir, captar o público, manter a audiência, tendo em vista a competição. Ao convidar Marina Silva para seu programa, Jô Soares parece ter tido como objetivo comunicativo trazer a seu público esclarecimentos sobre os possíveis motivos das mudanças na trajetória política da ex-ministra, agora, candidata à presidência da república.

Marina Silva acaba de deixar o Ministério do Meio Ambiente do Governo Lula, deixa o Partido dos Trabalhadores e filia-se ao Partido Verde. Ocorre uma série de peripécias na trajetória desse ator político que suscita interesse na mídia, esses fatos adquirem relevância na ordem do campo político e passam a integrar as pautas de diversos meios midiáticos. Os questionamentos do entrevistador, seu teor, sua tematização, são determinados por todo esse contexto, pela vontade de esclarecimento, pelos rumores e presunções que então circularam.

Os enunciados da primeira pergunta parecem subentender discursos que atribuem uma mudança radical na ideologia e nas ações políticas do PT; Jô Soares parece partir da hipótese de que a ex-ministra não estaria de acordo com essas mudanças: adoção de uma política macroeconômica neoliberal, as alianças com partidos mais à direita ou à direita, dentre outras. Jô indaga se a saída da ministra teria sido “[...] um desabafo político”, se teria resultado do fato de a ex-ministra “ter segurado a barra por tempo demais” em relação a “tudo o que aconteceu com este partido maravilhoso na história política do País”

A tematização que emerge desse quadro faz com que se mobilizem saberes, representações e crenças pertencentes à ordem do político e do ético. Além disso, os questionamentos de Jô Soares fazem com que a ex-ministra fundamente suas respostas em um dizer de justificação; consciente ou inconscientemente, ela utiliza procedimentos relacionados mais à razão do que à emoção para argumentar. Ao longo da entrevista, ela parece se esforçar para conter, controlar as emoções, projetando uma imagem constituída de *ethé*⁹ associados ao caráter de uma mulher política séria, prudente, ponderada, competente quanto aos conhecimentos técnico-científicos sobre o meio ambiente e quanto à maneira de se aplicá-los, traços que são acrescentados ao seu perfil de mulher ambientalista, engajada, nascida na Amazônia e criada nos seringais. Vejamos de que maneira esses limites do quadro situacional determinam as características, as escolhas e as estratégias discursivas, linguísticas e para-linguísticas.

9 Plural de *ethos*.

As respostas de Marina Silva mobilizam sequências discursivas argumentativas, de justificação, de descrição e de narração. No início da primeira resposta, a enunciadora utiliza a narrativa, a fim de projetar uma autoimagem constituída por traços sociais e de caráter associados à mulher humilde, nascida e criada nos seringais, alfabetizada aos 16 anos, ex-empregada doméstica, vencedora das realidades adversas em que viveu. Ela busca reforçar, assim, traços identitários de sua *história discursiva* já conhecida pelo público. Parece-nos que essa estratégia está a serviço da construção de uma imagem favorável da candidata à presidência da república perante os eleitores.

Na primeira resposta, inicia-se, também, a projeção de uma imagem calcada no *logos*, na razão; Marina Silva fundamenta seu dizer em um *fazer crer verdadeiro*, ligado ao factual, à realidade. Nas sequências de justificação, a enunciadora afasta qualquer possibilidade de se pensar que ela teria agido por emoção, impulso ou pressão, como a pergunta de Jô, comentada anteriormente, insinua: “sua saída foi um desabafo”? A ex-ministra, na progressão do diálogo, busca frisar que suas decisões/ações resultaram de reflexão, de ponderação, de um cotejo de opiniões de companheiros, de amigos, de pessoas que constituem sua base política:

(1) [...] me expus a uma série de conversas tinha uma coisa que era recorrente... as pessoas me diziam por que você não permanece para convencer no de que a questão ambiental é estratégica para o partido em termos de sustentabilidade... e eu cheguei à conclusão que não se tratava mais de permanecer para fazer o embate... mas de sair para fazer um encontro... um encontro com aqueles que se dispõem a luta para fazer o desafio que eu acho que é o desafio desse século... integrar desenvolvimento e meio ambiente [...]

No trecho acima, a ministra procura justificar sua decisão em nome de um valor universal: a preservação ambiental e a conservação da vida; busca se mostrar como alguém que agiu em nome de uma ética da convicção, em benefício da nação, de uma coletividade. Predominam, assim, nesse dizer, estratégias ligadas ao processo de modulação, explicado por Vion (2003), tanto em relação ao dito quanto em relação aos discursos reportados. Embora haja um esforço para o controle das emoções, observa-se também, sinais explícitos de auto-implicação, de engajamento emocional da enunciadora. A modulação e a modalização manifestam-se, como vimos na parte teórica deste trabalho, tanto no plano linguístico quanto no para-linguístico. Vejamos como a enunciadora agencia esses níveis.

No nível para-linguístico, chamaram-me atenção, inicialmente, as características do vestuário e da compleição física de Marina. Ela porta um

modelo sóbrio, um xale jogado sobre os ombros, e usa coque no cabelo. Além disso, busca mostrar suas origens ligadas à Amazônia com o uso de adereços que lembram a região. Essa indumentária apoia e reforça seus enunciados iniciais e toda a construção de imagem, que resulta de seu discurso, associada à mulher séria, reflexiva e ponderada. O coque é marca de seriedade, de comedimento, associa-se também à marca da mulher executiva, em situação de trabalho, e ao fato de Marina ser evangélica.

Para aprofundar a análise do *modelo efetuator* (o conjunto de traços verbais, mimogestuais, faciais, corporais, cf. Cosnier (2003), sinalizador dos estados emocionais, eu necessitaria de realizar um exame detalhado do vídeo, o que excederia o espaço deste trabalho. Contudo, essa breve descrição física da ex-ministra parece corroborar a tese de Cosnier (2003), para quem o corpo fornece as localizações e os suportes das representações discursivas. Além disso, durante a entrevista, a enunciativa mantém uma postura rígida, usa as mãos para indicar assertividade diante do que diz; mesmo quando Jô Soares usa de algum toque de humor, os risos são poucos, e, logo, se retorna ao clima sério e expositivo, justificatório da conversação.

No plano linguístico e enunciativo, então, elenco alguns traços que ilustram a argumentação fundada no *logos*, na escolha de um dizer mais modulado, que concorrem para a construção de uma imagem da mulher política ponderada, conhecedora das realidades e dos saberes técnico-científicos do meio ambiente:

- 1) o uso dos advérbios modalizadores: *obviamente, na verdade, na realidade* parecem indicar um esforço da enunciativa para inscrever seus enunciados na ordem do factual, do inevitável, do que só pode ser assim e não de outra maneira, e que, portanto, não deixaram escolhas para o agir; Ex.: “[...] mas obviamente que existiu também contradições [...]”;
- 2) O uso de termos ligados a um dizer mais técnico: “em termos de sustentabilidade [...]”; “[...] nós detectamos no final de 2007 que o desmatamento corria o risco de voltar a crescer [...]”;
- 3) a *mise en scène* enunciativa: Marina Silva busca dar a impressão de objetividade ao seu discurso, ancorando-se no dizer do outro para buscar sustentar/justificar o seu dizer/agir. Como lembra Vion (2003), trata-se de uma estratégia de apagamento que sinaliza também o dinamismo discursivo da gestão interativa dos afetos. Observamos essa estratégia i) quando a enunciativa reporta o ponto de vista dos outros que foram tomados como base para sua decisão, como mostro na citação (1); e ii) quando reproduz o clamor da opi-

não pública para justificar as ações que tinha tomado para conter o desmatamento em 2007, tais como a moratória para os municípios onde mais havia desmatamento, vedação do crédito para os ilegais, entre outras:

(2) [...] obviamente existe uma parte que gostaria que a sociedade brasileira tivesse aplaudido... e que as medidas tivessem sido revogadas... mas a opinião pública nacional se levantou favoravelmente às medidas... os formadores foram muito importantes nesse processo todo... o presidente Lula sentiu a sustentação da sociedade... aquilo que eu chamo de sustentabilidade política para manter as medidas e elas foram mantidas [...]

- 4) o uso do pronome nós: a enunciadora alterna o uso do EU e do NÓS, evidencia, assim, a mistura dos papéis sociais, ela como ex-ministra, candidata à presidência e ela como ministra. Quando ela fala sobre as medidas contra o desmatamento, ela usa NÓS (ou seja, refere-se a si mesma e à sua equipe);
- 5) outro índice do dizer objetivante, técnico, modulado, encontra-se no agenciamento das sequências referentes aos dados estatísticos relacionados ao meio ambiente.

Ao lado desse3 dizer mais objetivo, modulado, como disse, encontram-se índices de um engajamento maior da enunciadora diante de suas proposições. Índices dessa autoimplicação manifestam-se, principalmente:

- a) no uso de modalidades deônticas: ao falar do desafio do século, a enunciadora usa verbos no infinitivo para elencar as ações que constituem esse desafio; esses verbos indicam uma modalidade implícita do tipo: *é preciso que...* que coloca o conteúdo dos enunciados em uma perspectiva da ordem do necessário. Em outros trechos, a modalidade é explicitada em estruturas do tipo Il (unipessoal) + *é preciso que P*.

(3) [...] e eu cheguei à conclusão que não se tratava mais de permanecer para fazer o embate... mas de sair para fazer um encontro... um encontro com aqueles que se dispõem a luta para fazer o desafio [...] desse século... integrar o desenvolvimento e meio ambiente... e meio ambiente a desenvolvimento... melhorar a qualidade de vida das pessoas... mas ao mesmo tempo preservar as bases naturais do nosso crescimento [...]

b) no discurso ou ponto de vista reportado de outrem que é refutado e avaliado negativamente (nossos os grifos):

(4) [...] não é verdade essa visão de que o meio ambiente é uma parte que se coloca em oposição ao desenvolvimento não é verdade... é... os países em desenvolvimento... sobretudo Jô... eles dependem em cerca de 50% dos recursos naturais para o seu Produto Interno Bruto [...]

Nesse excerto, o enunciado de negação em destaque encena dois pontos de vista, o da enunciativa e o daqueles que acreditam na oposição entre meio ambiente e desenvolvimento. Trata-se de uma estratégia de refutação do discurso do adversário. Com esse procedimento, Marina Silva marca sua autoimplicação. A maneira como a enunciativa incorpora o discurso do outro permite-nos observar a *instabilidade enunciativa* de que nos fala Vion (2003); por meio dela, pode-se acompanhar as modificações dos pontos de vista de Marina Silva relativamente à pluralidade de vozes que atravessam seu dizer; essa negociação com o outro, com o discurso do outro, ora de maneira concordante, ora discordante, constitui sinal fundamental para entendermos a gestão dos afetos e a orientação argumentativa do discurso.

Considerações finais

As reflexões que realizo neste artigo parecem corroborar uma das premissas fundadoras da Análise do Discurso, a de que as condições de produção, os quadros institucionais e a situação histórica determinam as trocas comunicativas; como lembra Charaudeau (1995), as situações de comunicação dão instruções ao como dizer, à maneira de se organizar o discurso. Após os estudos contemporâneos sobre o fenômeno da emoção feitos pelos autores aqui citados, podemos dizer, então, que as condições de produção, as situações, as crenças e os objetivos dos parceiros, a tematização esperada pelo ritual linguageiro em que estão implicados ou que é determinada *ad hoc*; todos esses fatores impõem uma determinada forma de se exprimir/gerenciar as emoções.

Se Marina Silva fosse convidada para falar sobre outros assuntos, se fosse chamada para falar sobre a vida pessoal, se estivesse exercendo outro papel social, por exemplo, ela expressaria suas emoções de maneira diferente na entrevista em um *talk show*? E se estivesse em um palanque, na Amazônia, diante de seringueiros? As análises da entrevista de Ivete

Sangalo a Jô Soares, realizadas por Fiorini, outro pesquisador do nosso grupo, parecem nos mostrar o quanto o papel social, o estatuto do sujeito e a tematização que surge no quadro interativo determinam e medeiam o processo de gestão dos afetos.

No discurso de Marina Silva, nesta situação específica analisada, espero ter mostrado como predominaram estratégias que sinalizam um esforço para o controle, para a modulação das emoções, tanto no plano verbal quanto mimogestual e corporal, embora índices de engajamento, de autoimplicação também estejam presentes. É preciso salientar que esse esforço parece estar a serviço da construção de um *ethos* da mulher política séria, competente, que se pauta pela ética da convicção; e tal construção parece ter produzido o efeito esperado para alguns telespectadores, se consideramos, por exemplo, o seguinte comentário de um internauta que assistiu à entrevista pelo *Youtube*: “Se puede notar ética y mucho profesionalismo en la vida política de esta Senadora Marina Silva, felicitaciones! A análise motiva-me, também, a continuar estudando outras interações verbais, outros gêneros discursivos, a fim de observar de que maneira são agenciados os recursos linguísticos e para-linguísticos na expressão/provocação de emoções em interações com dominante cooperativa ou competitiva, como postula Vion (1992; 2003).

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1988.

CHARAUDEAU, P. Le contrat de communication de l'information médiatique. In: *Le Français dans le Monde: médias faits et effets*. Paris: Hachette, 1994.

CHARAUDEAU, P. Une analyse sémiolinguistique du discours. In: _____. *Langages*, nº 117. Paris: Larousse, 1995.

CHARAUDEAU, P. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES, Emília et al. (Org.) *As emoções no discurso*. Vol. II. Campinas: Mercado das Letras, 2010. p. 23-56.

COSNIER, Jacques. Les deux voies de communication de l'émotion (en situation d'interaction de face à face). In: COLLETTA, Jean-Marc; TCHERKSSOF, Anna. *Les émotions: cognition, langage et développement*. Paris: Margada, 2003. p. 59-63.

COURTINE, Jean-Jacques. *Metamorfoses do discurso político: derivas da fala pública*. Tradução de Nilton Milanez; Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Claraluz, 2006.

ELSTER, Jon. Rationalité, émotions et normes sociales. In: _____. *La couleur des pensées*. Paris: Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1995. p. 33-64.

NUSSBAUM, Martha. Les émotions comme jugements de valeur. In: PAPERMAN, P; OGIEN, R. (dir.). *La couleur des pensées*. Paris: Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1995. p. 19-32.

PAPERMAN, Patricia. L'absence d'émotion comme jugements de valeurs. In: PAPERMAN, P; OGIEN, R. (dir.). *La couleur des pensées*. Paris: Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1995. p.175-196.

PLANTIN, C. Structures verbales de l'émotion parlée et de la parole émue. In: COLLETTA, Jean-Marc; TCHERKSSOF, Anna. *Les émotions: cognition, langage et développement*. Paris. Margada, 2003. p. 97-130.

PLANTIN, C. As razões das emoções. In: MENDES, Emília *et al.* (Org.) *As emoções no discurso*. Vol. II. Campinas: Mercado das Letras, 2010. p. 57-80.

RUBIM, Antonio A.C. Visibilidades e estratégias nas eleições presidenciais de 2002: política, mídia e cultura. In: RUBIM, Antonio A. C. (Org.). *Eleições presidenciais em 2002 no Brasil: ensaios sobre mídia, cultura e política*. São Paulo: Hacker, 2004. p. 7-28.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. Tradução de Antonio Chelini; José Paulo Paes; Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1994.

VION, Robert. *La Communication Verbale: Analyse des Interactions*. Paris: Hachette, 1992.

VION, Robert. Expression et gestion des émotions dans les interactions verbales. In: COLLETTA, Jean-Marc; TCHERKASSOF, Anna. *Les émotions, cognition, langage et développement*. Belgique: Mardaga, 2003. p. 153-158.

Anexo

Entrevista de Jô Soares com Marina Silva acessada no *Youtube*,

Jô Soares: como é que é essa, essa separação, saída do Partido dos Trabalhadores que foi uma coisa... que quase que um desabafo político ou foi o resultado de ter segurado a barra por tempo demais? Em relação a tudo que aconteceu com este partido maravilhoso na história política do do país.

Marina: eu acho que tempo necessário Jô... eu tenho 30 anos de militância no Partido dos Trabalhadores... e eu sempre digo que a minha cidadania política foi construída junto com a constituição do PT porque com a minha origem... tendo nascido e me criado no seringal... ex-empregada doméstica... alfabetizada aos 16 anos pelo Mobral... na realidade do meu estado...

seria impossível imaginar que um percurso desse viesse a ser senadora... ministra ou qualquer ... enfim... uma dessas funções que eu ocupei... mas obviamente que ao longo desse percurso foi muito importante e eu reconheço isso... eu não tenho uma visão destrutiva desse partido... ele faz parte do meu passado... ele integra minha vida... minha trajetória... eu tenho inclusive tenho uma honra muito grande de ter sido a ministra do presidente Lula... mas obviamente que existiu também as contradições...e foram essas contradições que me levaram agora a essa reflexão de ter que eu cheguei a conclusão que eu deveria sair do Partido dos Trabalhadores e acabei de me filiar ao PV... e foi um processo em que eu me expus a uma série de conversas com várias pessoas... amigos... companheiros... parceiros e algo que também pra mim muito sofrido ... mas durante essas conversas tinha uma coisa que era recorrente... as pessoas me diziam por que você não permanece para convencer no de que a questão ambiental é estratégica para o partido em termos de sustentabilidade ... e eu cheguei à conclusão que não se tratava mais de permanecer para fazer o embate... mas de sair para fazer um encontro... um encontro com aqueles que se dispõem a luta para fazer o desafio que eu acho que é o desafio desse século... integrar desenvolvimento e meio ambiente.... e meio ambiente a desenvolvimento... melhorar a qualidade de vida das pessoas... mas ao mesmo tempo preservar as bases naturais do nosso crescimento porque nós estamos em crise... chegamos à era dos limites do planeta...

Jô Soares: Marina, quer dizer que você ... fala-se muito em você candidata a presidente pelo Partido Verde... será que você deixou de ser ministra do meio ambiente para ser presidente do ambiente todo?

Marina: olha Jô você agora deu um mote fantástico... risos... na verdade essa essa visão de que meio ambiente é uma parte que se coloca em oposição ao desenvolvimento não é verdade... é... os países em desenvolvimento... sobretudo Jô... eles dependem em cerca de 50% dos recursos naturais para o seu Produto Interno Bruto... no caso da biodiversidade... e nós fazemos um esforço muito grande para crescer 5%... 6%... na realidade dos países em desenvolvimento ... a biodiversidade é responsável por 50% do PIB dos países... quem em sã consciência destruiria 50% de seu Produto Interno Bruto... no entanto.... as pessoas quando destroem a Amazônia... o cerrado... a Mata Atlântica... a caatinga... quando inviabilizam a continuidade dos recursos hídricos que são abundantes ... o Brasil já tem 11% de água doce disponível no planeta... e 86% dessa água doce... 11% fica na Amazônia ... Nosso território tem ainda 60% de cobertura florestal... a maior floresta tropical do planeta está no Brasil.. são 180 povos falando mais de 129 línguas ... isso é uma riqueza fantástica... o Brasil é uma potência ambiental... e precisa fazer

jus à potência climática em que os países precisarão mudar o modelo de desenvolvimento e partir para as economias de baixo carbono... ou seja... com baixa emissão de CO2... criar novas práticas... criar nova base de conhecimento... apostar na inovação tecnológica ... e esse será um esforço de todos nós ... como diz a música ao mesmo tempo agora...

Jô: Muito bem... muito bem senadora... eu queria perguntar em termos pessoais em que mudou a sua relação com o presidente Lula antes e depois da presidência?

Marina: na verdade eu tenho...

Jô: eu digo... relacionamento pessoal entre vocês dois... mudou muito depois que ele passou a ser presidente?

Marina: existe uma diferenciação de papéis... uma coisa é o presidente Lula... o companheiro... a pessoa que temos essa trajetória de de 30 anos... outra coisa é o presidente que deve ser respeitado ... que ocupa o lugar de tomador de decisão... e eu como sua ministra... então obviamente... que eu procurei sempre e ele também separar as duas coisas... na relação com o presidente Lula ... ele arbitrou muitas coisas difíceis a meu favor... outras obviamente... que no governo você não não faz tudo como você pensa da forma como você pensa... e quando chegou o momento que eu percebi que já não reunia as condições políticas para permanecer no governo fazendo as políticas estruturantes que eu juntamente com a minha equipe havíamos nos proposto a fazer... então eu pedi para sair... pedi para sair ... acho que foi uma contribuição ao governo e ao país porque nós detectamos no final de 2007 que o desmatamento corria o risco de voltar a crescer... depois de ter caído por volta de 57 %... voltar a crescer em torno de 30 a 40%... e tomamos medida muito fortes... uma moratória para municípios que mais desmatam... uma resolução do conselho monetário que vedava o crédito para todos os ilegais... e a criminalização da cadeia produtiva... os que desmatavam... os que produziam... os que compravam... os que transportavam... e quase chegando aos que consumiam... e isso levou uma pressão muito grande por parte dos setores da sociedade por parte do setor ligado à agricultura ainda predatória... e dentro do próprio governo... e naquelas circunstâncias ... eu pedi para sair... e obviamente existia uma parte que gostaria que a sociedade brasileira tivesse aplaudido... e que as medidas tivessem sido revogadas... mas a opinião pública nacional se levantou favoravelmente às medidas... os formadores de opinião foram muito importantes nesse processo todo... e o presidente Lula sentiu a sustentação da sociedade... aquilo que eu chamo de sustentabilidade política para manter as medidas e elas foram mantidas... e aconteceu um fenômeno interessante Jô... que pela primeira vez na história desse país como gosta de dizer o nosso presidente

... é o governo teve que falar à sociedade que nada ia mudar na política ambiental e isso só acontecia na época da inflação alta... daquele desequilíbrio econômico e que sempre estava saindo é ministro da fazenda... e o governo era obrigado de dizer que não ia mudar nada que tudo ia continuar como estava que o mercado não ficasse nervoso ... e eu percebi que na saída do ministério do meio ambiente que o próprio Lula disse para a sociedade que a política seria mantida e em parte foi mantida por que as medidas de combate ao desmatamento continuaram e o desmatamento continua caindo até hoje com risco de crescer agora que o país voltou a crescer...